

“Não há nenhuma maneira do Brasil forçar qualquer solução sozinho”

Quando o político americano Barber Conable foi escolhido no começo do ano para presidir o Banco Mundial, era conhecido apenas em Washington — e só. Sem grande experiência internacional e tendo dirigido apenas um escritório no Congresso, ao qual pertenceu durante 20 anos, Conable tinha a reputação de um conservador, especialista em questões fiscais, deslocado para uma atividade fora de seu ambiente: promover crescimento e financiar desenvolvimento no Terceiro Mundo.

Essas duas palavras — crescimento e desenvolvimento — agora não saem mais da boca desse simpático político de 63 anos de idade. Conable não teme dizer que sua instituição é muito melhor recebida do que o FMI, “nossas condicionalidades são diferentes,

pensamos a longo prazo e queremos financiar crescimento”. Mas opõe-se a transformar o Banco Mundial num novo tipo de Fundo Monetário e acha que só negociando com o FMI há uma saída para a obtenção de recursos externos.

No Brasil pela primeira vez, Conable viu de perto alguns dos projetos que o Banco Mundial financia para seu principal cliente e elogiou a equipe econômica do governo. “São corajosos”, disse. Foi, contudo, enfático ao dizer que só negociando o Brasil resolve seus problemas externos, “e nós somos os preocupados espectadores”. Para sua única entrevista exclusiva durante a viagem, Barber Conable recebeu ontem no Caesar Park Hotel o Editor de Economia do JORNAL DO BRASIL, William Waack.



JORNAL DO BRASIL — Esta é sua primeira visita ao Brasil, o país mais endividado do mundo. Quais as suas impressões dessa situação?

Barber Conable — Esta situação tem de ser analisada em função dos recursos disponíveis, para se estabelecer o significado dessa carga do endividamento. O Brasil é um país que cresce depressa e tem um sucesso relativo, com um futuro brilhante. O potencial de desenvolvimento aqui é tremendo. E justamente essa possibilidade de crescimento econômico é que diminui o possível impacto da dívida. O Banco Mundial está comprometido com a tentativa de encorajar crescimento, porque chegamos à conclusão de que na eliminação da pobreza temos maiores possibilidades de êxito, sobretudo num contexto de crescimento, ao invés de estagnação, o que ajuda no esforço de redistribuição das riquezas existentes. E por estes motivos estamos bastante otimistas em relação ao futuro do Brasil.

O país tem problemas a curto prazo, que colocará em teste a sua liderança...
JB — O Sr. está falando especificamente do setor externo?

Conable — Obviamente, mas o Plano Cruzado foi um passo na direção correta, embora eu não queira aqui entrar em detalhes, pois não estou informado sobre todos os aspectos das questões internas brasileiras. Acredito que o governo brasileiro está se comportando com alguma coragem, está adotando as medidas na direção correta e nos dando motivos para alguma confiança.

JB — Falando de crescimento, as autoridades brasileiras têm insistido com muita força nessa estratégia, mas queixam-se com frequência de que organizações multilaterais, especialmente o FMI, não compreendem esses problemas. Qual é a sua opinião?

Conable — É preciso entender que o FMI e o Banco Mundial têm objetivos diferentes. O FMI lida com problemas de estabilidade, enquanto o Banco Mundial lida com problemas de crescimento. Obviamente nós não temos a mesma orientação básica que o FMI teria, já que nossas metas são algo distintas. Mas isto não significa que nós não precisemos um do outro ou que não colaboremos bem. O governo brasileiro tem sido relutante em envolver-se com o FMI, mas nós estamos cooperando estreitamente com eles pois acreditamos que eles podem oferecer políticas que dão confiança para o futuro do Brasil.

JB — O Brasil recusa-se a assinar qualquer tipo de acordo formal com o FMI...

Conable — Mas se comprometeram através do artigo 4.

JB — Que estabelece obrigações comuns para todos os membros do FMI. Tem

havido muitas sugestões na imprensa estrangeira, e também por parte de diferentes políticos, para que o Banco Mundial assuma então as funções de monitoramento que o Brasil não aceita do FMI. O Sr. acha isso exequível?

Conable — Evidentemente sempre manteremos uma relação contínua, ao sustentar alguns dos programas brasileiros de crescimento, e claro que teremos de estar ao par do impacto desses programas para o futuro da economia brasileira. Mas eu estaria muito relutante em considerar o Banco Mundial como o FMI do futuro. Isto porque temos metas diferentes, e isto tem de ser assim.

JB — Como credor seu Banco obviamente está muito interessado em saber o que acontece com o dinheiro que empresta para países como o Brasil. Pode-se pensar que sua instituição tenha não só gente, mas também experiência para avaliar a performance econômica de qualquer país, não é?

Conable — Claro, nós avaliamos inclusive nossos projetos individuais, para ter a segurança de que estão caminhando bem.

JB — ... então o Sr. poderia, de fato, assumir um papel igual ao do FMI?

Conable — Nossas condicionalidades, porém, são muito diferentes em relação às do FMI. O FMI lida num quadro de curto prazo, com um número de opções algo restrito...

JB — ... e isto justamente torna o Banco Mundial tão interessante...

Conable — Sim. O Banco Mundial trabalha em perspectiva a longo prazo, e está procurando resultados econômicos diferentes — não é estabilização, e sim crescimento. E por isso nossa condicionalidade tende a ser muito diferente, muito menos heróica. Claro que esta é a razão pela qual o Banco Mundial não sofreu as reações, como instituição, que o FMI experimentou em alguns países. Nós achamos que nós precisamos do FMI, e nós encorajamos relações com o FMI. Por outro lado, nós não somos o FMI, e por isso temos nossos próprios padrões de contatos com outros países.

JB — Nos últimos meses o Banco Mundial foi a principal fonte de recursos financeiros para o Brasil, já que os mercados financeiros internacionais continuam fechados. Esta situação continuará assim por muito tempo, o Banco Mundial continuará sendo o principal prestador?

Conable — Bom, nós teremos um papel central no futuro econômico do Brasil, já que o Brasil necessita desenvolver-se mais, necessita de empréstimos. Obviamente, nós não podemos atender a todas as necessidades brasileiras. Nós temos recursos que têm de ser aplicados em todo o mundo em

desenvolvimento, e não podemos estar concentrados em só um lugar. O Brasil é nosso principal cliente, mas nós precisamos estar preocupados também com os problemas na África, Ásia, sudeste asiático, etc. É por essa razão que não podemos atender a todas as necessidades brasileiras.

Neste sentido, estamos bastante ansiosos para que o Brasil resolva seus problemas com outras instituições, incluindo o Clube de Paris, os bancos comerciais, o FMI de maneira que se maximize a corrente de recursos para o Brasil. Grande parte do nosso tempo e dos nossos esforços, no momento, nós estamos gastando tentando coordenar fluxos externos de capital. É o caso do co-financiamento e da tentativa de estabelecer um quadro no qual empréstimos seriam atraídos.

JB — Mas o co-financiamento para o setor elétrico brasileiro está esbarrando em muitas dificuldades, não está?

Conable — Sim, devido à impossibilidade, até agora, de se chegar a um acordo com o Clube de Paris, e por causa da incerteza quanto ao relacionamento com FMI. Nós temos a esperança de que essas coisas se resolvam, e que os líderes brasileiros vão encorajar o tipo de cooperação capaz de trazer todos os tipos de recursos disponíveis, já que as necessidades brasileiras vão ser grandes. E nós achamos que o Brasil merece ter recursos além daqueles que nós estamos em condições de oferecer.

JB — Sem interferir em negociações correntes, o Sr. gostaria de expressar sua opinião sobre a maneira como essas negociações poderiam ser resolvidas, principalmente entre o Brasil e o Clube de Paris?

Conable — A única coisa que possam dizer é que deve haver negociações. Não há nenhuma maneira pela qual o Brasil poderia forçar uma solução sozinho. Todo o país tem sua própria estratégia e essas coisas, mas é necessário haver negociações entre os vários elementos.

JB — Uma solução na base apenas do artigo 4 seria suficiente, na sua opinião?

Conable — Não tenho a menor idéia se seria suficiente ou não. Não somos parte dessas negociações. Estamos na categoria do espectador preocupado, esperançoso de que a solução seja dentro de um ambiente no qual poderemos maximizar nossa própria contribuição através da coordenação de fontes de recursos financeiros.

JB — Mudando de assunto, e falando do setor elétrico brasileiro, que recebeu volumosos empréstimos do Banco Mundial, parece que esse ramo estará no futuro entregue a sérias dificuldades. Depois de sua visita ao Brasil, o que acha dessa situação?

Conable — Nós estamos pesadamente envolvidos em empréstimos para o setor energético. Acreditamos que os programas governamentais para melhorar a situação desse setor são muito importantes para o futuro da economia brasileira. Por isso é que apoiamos substancialmente esses programas. O que está em questão agora é a segunda *tranch* do empréstimo, ela é de 250 milhões de dólares. Quando chegamos a Brasília tivemos contatos com o governo e todos foram muito cooperativos, mostrando que estão dispostos a cumprir com as diretrizes que eles mesmos estabeleceram e financiar os recursos necessários para atender as necessidades energéticas.

Nós analisamos as estatísticas e acho que estamos muito próximos da posição de poder liberar a segunda *tranch*.

Não é só uma questão de analisar receita e despesa, uma análise muito mais complicada é necessária. Tarifas foram elevadas, etc, mas nós precisamos ter uma idéia geral do quadro para saber se a relação entre receita e despesa está no nível desejável. Mas o governo brasileiro concordou também em fazer algumas coisas específicas em relação ao meio ambiente e em relação às pessoas desabrigadas e à decorrência de alguns tipos de projeto energéticos. Se essas informações chegarem depressa, não vejo motivos para que a segunda *tranch* não seja liberada rapidamente. E acho que teremos outros empréstimos seguindo a esse, pois o setor energético é muito importante.

JB — Democracia e estabilidade econômica virou quase um axioma político, empregado com muita frequência pelo governo brasileiro, que está enfrentando graves problemas econômicos e, ao mesmo tempo, tenta consolidar instituições democráticas. Isto justificaria uma dose maior de compressão por parte dos países industrializados?

Conable — Acho que o Brasil está fazendo um grande esforço, considerando os problemas a curto e a longo prazo, quer dizer, a necessidade de uma disciplina interna e a preocupação com as aspirações do povo. Minha impressão é a de que os líderes do governo brasileiro estão tentando isto com muito esforço, tratando de encontrar equilíbrio, que é uma coisa muito importante para governar.

Acho que todo mundo concorda em que um país importante como é o Brasil deveria ter uma situação política estável. Acho que o Brasil tem os melhores votos de todo o mundo, e certamente de nossa instituição. Enquanto seus líderes estiverem se comportando como líderes responsáveis, acho que eles têm de ter toda a ajuda possível.